

A MORTE DO SENHOR: RECONCILIAÇÃO

G. Campbell Morgan

“A vós... agora, contudo vos reconciliou no corpo da Sua carne, pela morte”

A Cruz e a Ressurreição de Jesus alteraram completamente o conceito dos Seus discípulos sobre Ele. É apenas necessário ler cuidadosamente as histórias do Evangelho, e então imediatamente ver que, ao contrário da história contida em Atos dos Apóstolos, a atitude desses homens em relação ao seu Mestre foi inteiramente mudada. Não estou sugerindo por um único momento que eles não O amaram e acreditaram Nele **antes da Cruz; mas afirmo muito seguramente que eles não O entenderam. Um novo conceito do Seu Senhorio veio a eles em consequência da Sua Ressurreição dentre os mortos. Isto resultou em uma nova concepção da Cruz. A Cruz tinha-lhes aparecido como a tragédia suprema pela qual todas as suas esperanças foram perdidas. A Cruz se tornou para eles a vitória suprema, o próprio caminho da vida que eles pregaram.** Antes da Cruz, eles O tinham chamado de Senhor, Mestre, Professor, mas depois da Ressurreição o título de Senhor quis dizer infinitamente mais. Esse novo conceito do Senhorio de Jesus é mais claramente estabelecido depois nos escritos dos apóstolos; e em nenhum lugar mais claramente do que no capítulo do qual a declaração, que é a base da nossa meditação, é tomada.

Na primeira parte do capítulo encontramos a pessoa a quem o apóstolo se refere, uma pessoa real na compreensão humana como a frase “o corpo da Sua carne” significa. No **verso 13** ocorrem essas palavras: “O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor”. No terceiro verso encontramos essas palavras: “Graças damos a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ele que foi ao mesmo tempo Filho de Davi e Senhor de Davi é considerado agora em toda a plena e graciosa dignidade do título, nome, e ofício, de “o Senhor Jesus Cristo”. É dessa pessoa que o apóstolo afirma: **“A vós... agora, contudo vos reconciliou no corpo da Sua carne, pela morte”**. Entre esses excepcionais versos estão afirmações que revelam o que o apóstolo quis dizer com o Senhorio de Cristo. Neles ele declara qual é a relação dessa pessoa com o próprio Deus; qual é a relação dessa pessoa com toda a criação; e, finalmente, qual é a relação dessa pessoa com a nova criação, a Igreja. A sua relação com Deus é expressa nas palavras: “O qual é imagem do Deus invisível”; a Sua relação com a criação nas palavras: “Nele foram todas as coisas criadas, nos céus e na terra... todas as coisas foram criadas por Ele, e para Ele. Ele é antes de todas as coisas e Nele todas as coisas subsistem”; a Sua

relação com a Igreja nas palavras: “Ele é a Cabeça do Corpo, da Igreja; e o Primogênito dentre os mortos; para que em tudo tenha a preeminência”. Este é o resultado final do ensino do Novo Testamento acerca do Senhorio de Cristo.

Primeiro, Ele é Senhor pelo direito da Sua relação com o Pai. Ele é a imagem, a representação, a revelação, a manifestação do Deus invisível, que não tem manifestação a menos através Dele. A declaração não é que Ele se tornou a imagem de Deus, mas que Ele é a imagem de Deus. Para usar os tempos da limitação humana ao falar das eternidades permanentes: Ele era a imagem de Deus muito tempo antes que o tempo começasse, antes que a criação nascesse; Ele será a imagem de Deus em todas as eras ainda por virem. Ele é Aquele através de quem Deus é sempre manifesto aos seres criados. Este único fato O coloca diretamente no lugar do Senhorio sobre a criação; Ele é de fato “REI DE REIS, e SENHOR dos SENHORES”, absoluto e supremo. Mas Ele é Senhor também em virtude da Sua imediata relação com a criação. Todas as coisas criadas existem pelo ato dessa pessoa. Aquele que os homens chamaram de Jesus foi infinitamente mais que um homem da Sua mesma época; Ele era de fato a Palavra através de quem a criação veio a existir e Ele é Aquele que sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder; todas as coisas subsistem Nele. Finalmente, Ele é Senhor pelo mistério da Sua relação com a Igreja; Ele é o Cabeça da Igreja. As duas expressões que o apóstolo usa aqui acerca Dele em Sua relação com a primeira criação, e com a Sua Igreja são cheias de significado. Quando ele fala da relação de Cristo com a primeira criação ele se refere a Ele como “o Primogênito de toda a criação”. Quando ele fala da Sua relação com a Igreja O descreve como “o Primogênito dentre os mortos”, uma coisa muito mais notável. “O Primogênito de toda a criação” sugere que todas as coisas criadas vieram no poder da Sua vida essencial. Ele ordenou e foi feito. “O Primogênito dentre os mortos” sugere uma vida renovada, ganha do mistério da morte.

Na carta aos Romanos este apóstolo mesmo declara “Acerca de Seu Filho, que nasceu da descendência de David segundo a carne, declarado Filho do Deus em poder, segundo o Espírito Santo, pela ressurreição dos mortos Jesus Cristo o nosso Senhor” (1:4). Ele é o Senhor de todos, e é declarado ser assim com poder pela ressurreição dentre os mortos. Vamos agora examinar essa palavra reconciliar. A palavra grega significa uma troca, isto é, uma mudança no relacionamento, o encaminhamento para a comunhão de coisas que eram opostas. Em nosso texto temos uma forma fortalecida da palavra, que significa 'modificar-se totalmente'. Tanto essa como a palavra comumente usada sugerem a mudança para a volta a uma intenção original.

A reconciliação é regressar à verdadeira posição e relacionamento. Onde quer que esta palavra seja usada no Novo Testamento com respeito ao nosso

relacionamento com Deus, ela indica uma mudança em nós, e não em Deus. “Fomos reconciliados com Deus”, “Deus que nos reconciliou com Ele”, “Reconciliando o mundo com Ele”, “Reconciliar todas as coisas com Ele”, “Vós... agora reconciliados com Ele... para apresentá-los... diante Dele”. Enquanto aquele grupo das Escrituras é incompleto, naquilo em que o contexto em cada caso é omisso, ele realmente nos ajuda a ver que a reconciliação de Deus com o pecador, do qual o Novo Testamento trata, não é a reconciliação de Deus com o pecador, mas a reconciliação do pecador com Deus. Uma compreensão clara disso e uma aderência determinada a esse método de expressão – “os mortos sugere uma vida renovada, ganha do mistério da morte. “

Esta atitude de boas-vindas e de amor não é a atitude que temos qualquer direito de esperar. Se eu voltei as costas para a casa do meu Pai, e parti o Seu coração, e destruí a Sua propriedade, e ofendi o Seu nome, que direito tenho eu de esperar que a Sua face ainda esteja em minha direção? Falamos muito a respeito dos nossos direitos. Entendemos que o nosso único direito é aquele de banimento eterno da presença de Deus? Não temos nenhum outro, não apenas porque somos de natureza pecadora, mas porque somos pecadores de fato. O direito de toda alma egocêntrica que pecou contra o céu é o banimento da presença de Deus. Contudo, a obra mais poderosa de Deus, a Sua maior preocupação, é que os homens devem ser reconciliados com Ele.

A reconciliação com Deus foi o resultado da Sua própria ação como revelado em Cristo, e não precisou de nenhuma persuasão. A nossa reconciliação precisa ser pela persuasão. Contudo, não pode haver nenhuma reconciliação da santidade como pecado, salvo pelo caminho da Cruz, salvo pelo caminho para o qual a Cruz está colocada, e que a Cruz revela. Como é que Deus nunca voltou as costas para nós? Com Sua santidade insultada, Sua justiça negada, com a violação daquela lei da qual a segurança do universo depende, por que Ele não nos abandonou? A resposta mais profunda a essa pergunta deve ser encontrada na mais breve declaração: “Deus é amor”. Contudo, eu não disse nada mais do que aquilo que podia fazer violência a toda revelação da Escritura. O amor não pode negar a luz. A luz é uma parte integrante do amor. Nunca entendemos a verdade sobre Deus quando separamos a Sua luz e o Seu amor, a Sua justiça e a Sua misericórdia Deus é inimigo severo e inflexível do pecado porque Ele é amor. Se você puder me persuadir a crer que Deus desculpará o pecado em qualquer vida, ou sob qualquer circunstância, naquele momento você me persuadirá que o Deus não é amor.

É a paixão do Seu coração, o amor profundo da Sua natureza que O faz o inimigo jurado do pecado, e nunca permitirá a Si mesmo assinar uma trégua com ele na vida individual, na sociedade, na nação, no mundo, ou no universo. Os teólogos muitas vezes nos disseram que o amor é um dos atributos do

Deus. O amor é a soma dos atributos. É por causa do amor que Deus nunca voltou atrás para com o homem; mas esse amor é o inimigo mais severo do pecado. O amor é, no entanto, mais poderoso do que o pecado. Ele sofre, e sobre a base desse sofrimento é capaz de perdoar. O amor reuniu em sua própria consciência toda a questão e o resultado da rebelião do homem, e a única coisa que o amor nunca pode perdoar apesar do seu sofrimento é a recusa de ser perdoado pelo amor através do sofrimento.

Se não receberei o perdão baseado na justiça, que é o resultado do sofrimento do amor, o próprio amor e sofrimento do próprio Deus, então o próprio Deus, por amor ao Seu universo, não pode me receber na comunhão com Ele. É pelo caminho do Calvário que aprendemos essas verdades. No mistério da morte do Senhor Jesus Cristo, foi tornada visível esta verdade infinita e eterna. Nem por um único momento imagine que pela morte de um Homem na Cruz, Deus foi persuadido a modificar a Sua atitude em direção ao homem. Isso que vemos na Cruz não começou no sinal da Cruz material. O Cordeiro foi morto desde a fundação do mundo. No momento em que o homem pecou contra o Deus, Deus guardou em Seu próprio coração de amor a questão daquele pecado, e não é pela morte de um Homem, mas pelo mistério da paixão de Deus, que Ele é capaz de manter a Sua face voltada e na morna direção de homens desviados, e dar as boas-vindas a eles quando eles voltam atrás para Ele. Não tivesse havido nenhuma paixão em Seu coração, nenhum amor, nenhum sofrimento da Deidade, ninguém alguma vez poderia ter se voltado a Ele. Volte ao começo dos começos e ouça a voz na escuridão: “Adão, onde está você?” O doutor Henry Weston disse: 'Este não é o chamado de um policial; é a lamentação de um Pai por um filho perdido'. “Vós... O tendes” a imagem de Deus, o Criador dos mundos, o Cabeça da Sua Igreja “reconciliados no corpo da Sua carne pela morte”. Não que Ele nos reconciliou com Deus, já que Ele era o Próprio Deus, mas que Ele através daquela morte tornou possível o recebimento Dele mesmo por pecadores, e que através daquela morte Ele nos torna o Seu grande apelo em nossa rebelião, nos chamando para voltar para Deus. Qual é a nossa necessidade hoje? Por que estamos temerosos de Deus? Aqueles de vocês que são os Seus próprios filhos temem ao Senhor e se agarram a Ele. Aqueles que não conhecem a Deus temem que Deus os fira. Aqueles que o conhecem temem para que não venham a ferir Deus. A diferença é radical. Um é escravidão; o outro é filiação. Um nos afasta Dele; o outro nos mantém perto Dele. Deus responde a esse medo na Cruz. Ele declara através daquela Cruz que o pecado foi levado, removido, lançado fora. Ele afirma através daquela Cruz que, embora O temamos, Ele nos ama com tal amor como nunca pode ser expresso ou medido em palavras humanas. Ele anuncia através daquela Cruz, que com preço infinito, pelo mistério da paixão que nenhum humano conhece a medida, Ele dá o perdão e a nova vida. Então não há nada para eu fazer além de olhar para a face de Jesus, que é Senhor, e dizer: “Ele me amou, e deu a Si mesmo por mim”.

Teoria da Expição? Não, mas o grande fato da Expição. Explicação da Cruz? Não, mas o grande amor curador que vence através do sofrimento; e nos receberá assim como somos, se voltarmos os nossos olhos do homem para Ele; e apagará todo o nosso pecado, e fará a todos nós Como Ele queria que fôssemos.

Do livro: 'A Bíblia e a Cruz'